

PAULITO DAGEN ROER

A MATÉRIA DISCRETA  
DA DURAÇÃO



*A Matéria Discreta da  
Duração*

*Paulito Dagen Roer*



*A Matéria Discreta da Duração*  
*Paulito Dagen Roer*  
*Primeira edição*  
*Julho de 2026.*

*Escrito entre janeiro 2024 e junho 2026*



## *Fragmentos de Mim*

*Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem nas sombras  
disse: Vai, Carlos, ser gauche na vida.  
Mas eu não sou Carlos.  
Sou a fresta de mim que sobrou  
depois que o mundo passou.  
Converso com as paredes  
com a Lygia Fagundes Telles  
com o fantasma que mora no meu armário.  
Eles me entendem.  
Sabem que a poesia não salva  
mas condena com elegância.  
Carrego nos olhos o peso de séculos  
e na boca o riso seco dos que já morreram por dentro.  
Não me venham com flores.  
Prefiro o espinho que rasga a pele  
e me lembra, afinal,  
que o sangue ainda corre.*



## *Sumário*

### *MOVIMENTO I: A CAVERNA E AS ESTRELAS*

*Pág. 13 — Cinco Leituras, Mil Silêncios*

*Pág. 15 — O Lápis Mágico do Poeta (A Mão Invisível)*

*Pág. 17 — Se Deus Escrevesse um Poema*

*Pág. 19 — Coração Poético: A Voz Que Se Manifesta*

*Pág. 21 — A Fresta do Sentido (Resgate da antiga pág. 16)*

*Pág. 22 — O Sussurro do Eterno*

*Pág. 25 — O Céu dos Sábios: O Sol de Platão e as Estrelas de Nietzsche*

*Pág. 27 — Farsa Vestida de Gente*

*Pág. 29 — O Método*

*Pág. 32 — Depois da Lavagem*

*Pág. 34 — Três Vezes Grande*

*Pág. 36 — Entre o que pensa e o que toca*

*Pág. 38 — Quem comanda*

*Pág. 40 — Mantém*

*Pág. 43 — O que se paga antes*

*Pág. 45 — Confissão (quase ao fim do caminho)*

*Pág. 47 — (Des)olhar*

*Pág. 49 — Moral Ascética*

*Pág. 51 — Pés no Chão*

*Pág. 52 — O Portal do Improvável*

*Pág. 54 — Rompimento e Retorno*

*Pág. 56 — CRUELDADE (dito pelo espelho)*

*Pág. 60 — Felicidade do Vazio*

*Pág. 62 — Agamben*

*Pág. 64 — A Escuta da Escuta*

*Pág. 65 — Antes do Recipiente*

## *MOVIMENTO II: MANUAL PARA TEMPOS NORMAIS*

*Pág. 68 — Afaste-se do Desprezo em Silêncio*

*Pág. 72 — Com esse guisado não terás fracassos*

*Pág. 74 — A Ducha Relaxante*

*Pág. 75 — Poema Rock'd Roll*

*Pág. 77 — Manual para Tempos Normais*

*Pág. 80 — O lugar onde aprendemos a ser*

*Pág. 83 — Tratado Breve sobre o Óbvio*

*Pág. 86 — A Imagem Antes da Experiência*

*Pág. 88 — A Política Como Linguagem de Aparição*

*Pág. 90 — O Mundo Atrás da Tela*

*Pág. 92 — Monólogo para os que fingem juízo*

*Pág. 93 — DIVISAS*

*Pág. 95 — A parte selvagem da vida humana*

*Pág. 97 — Tempo Livre*

*Pág. 98 — Render*

*Pág. 100 — Dar Conta*

*Pág. 102 — O Desvio*

*Pág. 104 — Deriva*

*Pág. 106 — A Fila*

*Pág. 107 — O Limite*

*Pág. 108 — O Ajuste*

*Pág. 110 — Se Kafka fosse Mulher*

## *MOVIMENTO III: EROS VESTIA BATOM COR SANGUE*

*Pág. 113 — Antes de Tocar (Novo posicionamento de abertura)*

*Pág. 115 — O Mesmo Ponto (Novo posicionamento de ritmo)*

*Pág. 119 — Vi você chegando*

*Pág. 120 — Brunette*

*Pág. 122 — Quando Ela Acontece*  
*Pág. 123 — Entre a Virtude e o Cálculo*  
*Pág. 124 — O mestre que não respondo*  
*Pág. 125 — Porque o que não viveu, inventa*  
*Pág. 127 — Eu dei o laço que me deixou cair na armadilha*  
*Pág. 128 — Perto o bastante para não tocar*  
*Pág. 130 — A Política do Eros*  
*Pág. 132 — Serenade de Outono: Silêncios que Imploram*  
*Pág. 133 — COMPROMETIDA*  
*Pág. 135 — Pequeno Veneno, Grande Teatro*  
*Pág. 137 — A Delicadeza é um Tipo de Arma*  
*Pág. 140 — Manual de Riscos para Amores Lentíssimos*  
*Pág. 142 — Afinidade Não Gosta de Plateia*  
*Pág. 144 — O Averso da Calma (A Loba)*  
*Pág. 146 — O Pudor que Arde por Dentro*  
*Pág. 148 — A Polidez do Coração*  
*Pág. 150 — Não vim até você por causa do vento*  
*Pág. 153 — O Ensaio da Espera*  
*Pág. 155 — Amor Bem-Educado*  
*Pág. 157 — Quando o Tempo Solta o Corpo*  
*Pág. 160 — Nome que Damos*  
*Pág. 164 — O Que Fica em Você*  
*Pág. 169 — Quando Nem Isso*

#### *MOVIMENTO IV: A MATÉRIA DISCRETA DA DURAÇÃO*

*Pág. 173 — A Regra*  
*Pág. 174 — A Exceção*  
*Pág. 175 — O Contorno*  
*Pág. 176 — Sem Exceção*

*Pág. 177 — O Não-Todo*  
*Pág. 178 — O Resto*  
*Pág. 179 — A Suspensão*  
*Pág. 180 — A Turbação*  
*Pág. 181 — A Porta*  
*Pág. 182 — O Intervalo*  
*Pág. 184 — POEIRA*  
*Pág. 185 — O RAMO*  
*Pág. 186 — Além do mundo*  
*Pág. 189 — O que me falta é o que me move*  
*Pág. 190 — Sentinela*  
*Pág. 192 — Corte*  
*Pág. 195 — Altitude*  
*Pág. 197 — Contrabandista de Almas*  
*Pág. 199 — The Swan*  
*Pág. 201 — Depois da Função*  
*Pág. 202 — Luz Sem Finalidade*

#### *EPÍLOGO*

*Pág. 205 — Atraso Interior / Depois da Aceleração*  
*Pág. 212 — Morreu Genial sem Querer*

## *Nota do Autor*

### *Aos Espiões do Invisível*

*Isto não é uma antologia. Recuso o termo e a patine de museu que ele carrega. Uma antologia apenas justapõe retalhos mortos de um tempo que passou. Isto é uma Obra: uma arquitetura de compensação de forças, um organismo vivo onde os poemas não foram reunidos por critérios de vaidade ou suposta qualidade isolada, mas por sua capacidade de conviver e resistir à quarta leitura.*

*Estes textos nasceram no ruído elétrico e efêmero de uma linha do tempo digital. Ao trazê-los para o papel, apliquei-lhes a lâmina. O que sobreviveu aqui não foi feito para o consumo rápido do polegar que desliza pela tela; foi feito para a desaceleração, para o incômodo lúcido, para o espaço oco entre as palavras.*

*Não busque consolo ou respostas fáceis. Busque o barulho que as certezas fazem antes de cair. Se você for capaz de decifrar o silêncio e notar o tremor no canto da boca, este livro é seu. Somos cúmplices.*

*MOVIMENTO I: A CAVERNA E AS  
ESTRELAS*

## *Cinco Leituras, Mil Silêncios*

*Chamarei este poema de espelho,  
pois cada verso parece encarar-me,  
desafiando o abismo entre o que escrevo  
e quem lê.*

*Machado sussurra em minha memória:  
"Dez? Talvez cinco."  
Sua ironia é pássaro em gaiola,  
meu ego a chave.*

*Escrevo para esses cinco,  
embora o silêncio me abrace  
com dedos de consternação.  
O papel respira comigo,  
em cada palavra pulsa um desejo:  
ser lido, ser ouvido, ser algo.*

*Admiro a ideia de Stendhal,  
mas consterno-me  
na possibilidade de que  
até o eco se esqueça de mim.*

*Ainda assim, escrevo.*

## *O Lápis Mágico do Poeta*

*O lápis do poeta é uma varinha encantada,  
Um dardo de luz em direção ao coração da palavra.  
Cada traço, um feitiço, uma dança secreta.  
Na mão do poeta,  
Ele salta como um cervo ágil,  
Desenhando versos que explodem na alma.  
Desliza como a batuta de um maestro,  
Regendo sinfonias de sonhos e melodias de esperança.*

*Este lápis é travesso,  
Transforma tristeza em riso,  
Medo em coragem,  
E dor em poesia.*

*Há dias em que dança sozinho,  
Pincelando emoções exageradas no papel,  
E outros em que se recusa a traçar,  
Teimoso,  
Faz o poeta implorar.*

*Mas, no final,*

*O lápis sempre cede,  
Sabendo que o poeta é seu mestre fiel.  
Escreve histórias invisíveis  
Que o coração pode ler,  
Sussurrando que a vida, afinal,  
É uma poesia sem fim,  
Escrita por mãos invisíveis,  
Guiadas pelo amor e por um simples  
Lápis.*

## *Se Deus Escrevesse um Poema*

*Se Deus escrevesse um poema,  
não o esperaria simples,  
nem fácil.  
Palavras que cortam,  
como quem entende  
o peso da verdade no silêncio.  
"Amarás ao próximo" seria sussurrado,  
mas não como mandamento,  
como desafio —  
porque amar é escolha, não decreto.*

*Ele talvez começasse perguntando:  
por que corremos tanto  
quando sabemos que o fim  
nos aguarda de braços abertos?  
E, com um toque de ironia,  
disse que o paraíso não é destino,  
mas uma luta interna,  
um campo de batalha entre o ego e o outro,  
onde o maior desafio é  
ser-se inteiro em meio ao caos.*

*Você se perguntaria,  
assim como Camus,  
se o absurdo não é a própria busca por sentido.  
E Deus responderia,  
não com promessas,  
mas com perguntas.  
O que resta quando as certezas se desfazem?  
Coragem, talvez,  
ou apenas o desejo de recomeçar,  
mesmo sabendo que nunca será o bastante.*

*O que escreveria Deus?  
Apenas o que você não quer ouvir.*

## *Coração Poético: A Voz Que Se Manifesta*

*O narrador observa de longe,  
tece a trama sem toque,  
entrega ao outro, ao eu lírico,  
a inquietação que pulsa.*

*"Quero ver," diz ele,  
"não apenas o mundo que me alcança,  
mas o que escapa aos olhos:  
a dor das pedras,  
o riso do vento,  
o silêncio que só o coração escuta."*

*O narrador cede a cena,  
se dissolve na margem da palavra,  
enquanto o eu lírico avança.  
"Quero saber," murmura ele,  
"se a saudade tem cheiro,  
se a alegria cabe numa manhã,  
se o tempo é mesmo um ladrão  
ou um poeta desajeitado."*

*Agora é o eu lírico quem guia.  
"Quero narrar," insiste,  
"as histórias que os rios sussurram,  
as memórias que as árvores guardam  
em anéis invisíveis,  
os segredos das estrelas  
que piscam códigos antigos  
nos céus indiferentes."*

*E é nessa entrega  
que o poema encontra voz.  
O narrador silencia,  
satisfeito em ser o pano de fundo,  
enquanto o eu lírico cresce,  
errante e firme.*

*"Eu sou a voz que se manifesta," conclui,  
"não para ser confundido com quem me criou,  
mas para ser aquilo que ele nunca ousou dizer.  
Sou o coração poético,  
batendo fora do peito,  
ecoando o mundo  
como ele é,  
como poderia ser."*

## *A Fresta do Sentido*

*É tão singular o momento,  
quando, de fato, enxergamos.  
Há em cada verso que ofereço,  
uma fresta de mim,  
de algo que não sei mais guardar.*

*Se me leem, reinvento  
e me descubro outros,  
como se, em um gesto antigo,  
conhecesse ainda  
a nova vida que isso em mim faz brotar.*

*Diz-se que um poema  
não se entende, só se sente.  
Sou lasca: daquilo que conto,  
e daquilo que calo,  
como na melodia invisível,  
onde mora sempre um “eu”  
à espera de interpretação.*

## *O Sussurro do Eterno*

*Ela caminha entre os dias,  
e o tempo recua, embasbacado,  
como se tivesse que pedir permissão  
para seguir adiante.*

*Seus passos não deixam marcas no chão,  
mas no coração das coisas.  
Tudo em volta parece respirar diferente,  
como se o ar se lembrasse de ser puro,  
como se a luz quisesse ser mais clara.*

*Divina não sorri para agradar.  
Seus lábios curvam-se no exato instante  
em que o mundo precisa de um gesto de vida.  
Há quem a ame sem jamais tê-la conhecido,  
e quem a tema por entendê-la demais.*

*Os homens a chamam perfeita,  
não porque o seja – ela, de fato, é humana –  
mas porque diante dela,  
a ideia de erro perde o sentido.*

*O sublime não se explica, apenas é.*

*Mulheres a invejam e admiram,  
como se nela houvesse um reflexo  
do que poderiam ser,  
caso o mundo permitisse.*

*E ainda assim, Divina não é rival.  
Ela molda, inspira, conduz,  
sem jamais exigir nada em troca.  
Sua força não está em vencer,  
mas em existir com uma suavidade tão densa  
que desafia a gravidade.*

*Aqueles que a encontram tentam decifrá-la.  
Uns dizem ser uma ilusão coletiva,  
outros, um capricho divino.  
Mas ela não se importa.  
Não cabe nas definições  
nem precisa delas.*

*Divina é um sussurro do eterno  
no ouvido dos mortais.  
Um lembrete de que o perfeito*

*não é inalcançável –  
ele apenas dança, leve,  
fora do tempo,  
e além de qualquer compreensão.*

*O Céu dos Sábios: O Sol de Platão e as Estrelas de Nietzsche*

*Pensei que era a luz — mas era o hábito.  
O brilho que me guiava era o reflexo da parede.  
Não era o sol, era a ideia do sol.  
Tateei a caverna por anos,  
com a confiança cega de quem lê sem perguntar.*

*Fui discípulo da forma,  
crente de que a verdade tem contorno fixo,  
e que há um Bem suspenso sobre todas as coisas,  
como se o universo tivesse dono,  
e nome.*

*Mas um dia olhei para o alto e vi estrelas —  
não a Verdade,  
mas mil verdades flamejando,  
rí,  
porque nenhuma dizia “siga-me”,  
todas diziam: “torne-se”.*

*A noite nietzschiana me libertou da luz tirana.*

*Ela não cega — desafia.  
Não há caverna, há deserto.  
Não há forma, há dança.*

*Sim, Platão acendeu em mim a sede.  
Nietzsche me ensinou a beber com desconfiança.  
Ambos falam com os olhos cheios de abismos —  
um, do alto da cidade ideal;  
o outro, do fundo do riso trágico.*

*Se o sol era uma promessa,  
as estrelas são perguntas.*

*Eu —  
eu sigo entre eles,  
nem sábio, nem amante,  
mas errante,  
aprendendo que o céu não é o fim,  
é o começo da busca.*

## *Farsa Vestida de Gente*

*Ele preferia ser amado.  
Preferia a glória dos olhos que lembram,  
em vez de cavar sentido no pó dos dias.*

*Sonhava com a fama,  
mas carregava versos —  
e neles, um gosto amargo.*

*Estaria ele fadado ao desconforto alheio?  
Chamavam-no poeta.  
Ele apenas oferecia.*

*Nos lábios dele, o desejo era chumbo.  
Frio.  
Pesado.  
Fatal como quem erra sem querer.*

*Era com isso que mirava  
as mulheres atrás dos balcões,  
as passantes do mundo.*

*Amava a vida —  
mesmo sendo essa farsa vestida de gente.  
Aplaudia o vulgar com ternura,  
e escrevia com raiva contida.*

*Quando lançava um poema,  
não esperava compreensão.  
Esperava impacto.*

*Então dizia, em silêncio:  
Pegue.  
É só isso.  
Um poema.*

## *O Método*

*Aprendi a desconfiar do êxtase.  
Ele promete altura,  
mas cobra cegueira.*

*Prefiro a lucidez —  
essa lâmina discreta  
que não brilha,  
mas corta.*

*Calculo o espanto.  
Peso o delírio  
como quem pesa veneno:  
a dose exata  
é o que separa  
o êxtase  
do ridículo.*

*Nada em mim é puro.  
Nem o desejo.  
Nem a fé.  
Nem o nojo que sinto*

*de mim mesmo.*

*Construo o poema  
como um engenheiro constrói uma ponte  
sobre um rio podre:  
não para purificá-lo,  
mas para atravessá-lo  
sem fechar o nariz.*

*A imaginação não me salva —  
me compromete.  
A lógica não me absolve —  
me expõe.*

*Entre o cálculo e o abismo,  
escolho o método.*

*Entre o misticismo e a carne,  
escolho a fratura.*

*E sigo.  
Não como quem busca redenção,  
mas como quem aceita*

*que pensar também é um vício*  
*— talvez o mais elegante deles.*

## *Depois da Lavagem*

*Escrever não é encontrar.*

*É insistir no erro.*

*Tomo a palavra como quem acredita  
que o cuidado basta.*

*Examino.*

*Repito.*

*Desconfio.*

*Saco uma sílaba, depois outra,  
mais outra e as restantes,  
examino-as por dentro e por fora,  
por todos os lados,*

*contra a luz,*

*espanejo-as,*

*esfrego-as no joelho,*

*lavo-as,*

*e nada; não acho o despropósito.*

*Talvez o erro não esteja na palavra,  
mas na esperança de limpá-la.*

*Há frases que sobrevivem  
a todos os métodos.*

*Persistem tortas.*

*E dizem, assim,  
exatamente o que podem.*

## *Três Vezes Grande*

*Abro a boca do mundo com as mãos sujas de ouro antigo.  
Não rezo: decifro.*

### *I*

*Meu mestre me ensinou a ferver o silêncio  
até que o nome das coisas se entregue.  
Aprendi o centro, o dentro,  
onde a matéria confessa seus truques  
e a fé não precisa de plateia.*

### *II*

*Passei por Buda e Cristo sem pedir licença.  
Em Hermes Thoth encontrei o espelho:  
três vezes grande é quem suporta saber  
e ainda assim caminha.*

### *III*

*Carrego códigos como cicatrizes elegantes.  
A dor é direta.  
A verdade, sem casca.*

*Eu canto com gozo o duro exercício de viver,  
porque toda chama discreta “volta à fonte”.*

*Entre o que pensa e o que toca*

*o pensamento se recolhe  
como quem fecha uma janela devagar*

*a luz ainda insiste nas bordas das coisas  
mas já não nomeia com firmeza*

*é o momento em que a Filosofia  
desconfia de si  
e aceita o escuro sem argumento*

*a noite não responde  
ela suspende*

*entre uma estrela e outra  
há mais intervalo do que brilho  
e é nele que algo respira*

*o mundo, por um instante,  
não precisa fazer sentido*

*então  
sem aviso  
um fio claro atravessa o silêncio*

*não explica  
não resolve  
não conclui*

*apenas toca*

*e onde antes havia pergunta  
agora há imagem*

*onde havia rigor  
um tremor*

*é assim que a Poesia acorda:  
não para dizer o que é  
mas para deixar que seja*

## *Quem comanda*

*Não é a palavra.  
Ela chega já atravessada.*

*Não é quem escreve.  
A mão insiste, mas não decide.*

*Não é quem lê.  
O sentido não se entrega por reconhecimento.*

*Entre um e outro, algo se move  
sem aceitar nome fixo.*

*A linguagem tenta segurar —  
costura usos, repete caminhos,  
faz do acordo uma morada provisória.*

*A filosofia desconfia,  
abre a trama, puxa os fios,  
mostra que o tecido não se sustenta sozinho.*

*Mas quando chega à poesia,*

*já não há onde apoiar.*

*A palavra se inclina  
para o que ainda não é.*

*Fica em suspenso,  
quase dizendo,  
quase sendo.*

*E então—*

*ninguém comanda.*

*O significado acontece  
como um desvio que insiste,  
como um resto que não fecha,  
como algo que só existe  
enquanto escapa.*

*E, ainda assim,  
permanece.*

*Mantém*

*Não começa com a palavra.*

*Começa antes — onde ainda não há forma que sustente o dizer.*

*Há um fechamento.*

*Não como limite,  
mas como aquilo que mantém.*

*Tudo o que pode vir a ser ainda não se distribuiu.  
Permanece recolhido, sem nome, sem direção,  
sem a necessidade de aparecer.*

*É inteiro, mas não é visível.*

*Não há dentro e fora definidos —  
apenas uma pressão silenciosa  
que se mantém.*

*O que chamamos de origem talvez seja isso:  
não um ponto no tempo,*

*mas um estado que insiste em manter.*

*Algo não cede.*

*Não se move como gesto,  
não se organiza como pensamento,  
mas também não repousa.*

*Mantém.*

*Até que quase —  
não por decisão,  
nem por força externa,  
mas por excesso —*

*o fechamento falha em si.*

*Não chega a romper.*

*Não há anúncio.  
Não há transição clara.*

*O que estava contido não “sai”:  
apenas ameaça.*

*Forma, som, imagem, palavra —  
tudo se aproxima como se já estivesse em curso,  
como se o começo fosse sempre adiado.*

*Depois, tentamos nomear.*

*Chamamos de mundo.  
Chamamos de linguagem.  
Chamamos de poema.*

*Mas o que importa  
permanece naquele instante que não se resolve:*

*quando ainda se mantém,  
mesmo já não cabendo.*

*O que se paga antes*

*Ser não é nascer.  
é insistir.*

*O saber cobra antes de oferecer:  
retira a inocência,  
rompe a superfície das respostas rápidas,  
ensina que compreender dói  
porque desorganiza.*

*Quem sabe, paga.  
paga em noites,  
em solidões provisórias,  
em ruídos internos que não se calam.*

*O gozo do saber  
não é euforia,  
é repouso raro:  
o instante em que o mundo  
para de parecer estranho.*

*Entre pares, o saber reflete —*

*ninguém aprende sozinho,  
mas cada um paga seu preço.*

*Lemos os que ousaram antes:  
os que sangraram conceitos,  
os que aceitaram perder Deus,  
tempo, corpo,  
para ganhar forma.*

*Ser é sustentar o peso  
do que se aprendeu  
sem desejar voltar atrás.*

## *Confissão (quase ao fim do caminho)*

*Cada voz aqui convocada  
não foi escolhida por afinidade estética,  
mas por necessidade:  
quando uma forma de viver se esgotava,  
outra era chamada.*

*Houve o silêncio,  
a atenção,  
o amor organizado em corte,  
o poder que educa sem ser visto,  
a experiência cotidiana que nos molda,  
e, por fim,  
o sol —  
essa clareza sem promessa.*

*Nada disso ofereceu consolo.  
Mas ofereceu precisão.*

*Aprendi que pensar  
não é se afastar da vida,  
é tocá-la com menos ilusão.*

*Se há algo que este percurso ensina,  
é que não existe posição neutra:  
viver já é tomar forma.*

*Esta série não é um mapa para chegar.  
É um modo de atravessar.*

*E se alguma verdade se deixa entrever,  
ela não se impõe:  
permanece disponível  
a quem aceita olhar  
sem pedir garantias.*

*Fecho esta série  
não com respostas,  
mas com um pouco mais de lucidez —  
que, às vezes,  
é a forma mais honesta de esperança.*

## *(Des)olhar*

*Ela parou de ver.  
Não porque faltassem olhos,  
mas porque os olhos pediam mais,  
demais.*

*Despidos,  
os sentidos caíram ao chão como véus,  
um a um,  
até que restasse a visão sem nome —  
a que não quer entender,  
nem buscar forma no que sente.*

*Ela foi até o fundo de si,  
não para se encontrar,  
mas para se perder com dignidade.*

*Desolhar é isso:  
abrir o medo com as mãos nuas,  
olhar sem querer saber,  
amar sem pedir resposta.*

*Ela voltou.*

*Não sem dor.*

*Mas maior.*

*Muito maior que o medo.*

## *Moral Ascética*

*Ele teve tudo — e era nada.  
A casa era grande, os prêmios dourados,  
os salões o chamavam pelo nome —  
mas seu espírito cochichava num canto,  
com fome de silêncio,  
de palavra limpa,  
de uma verdade que não brilhasse.*

*Um dia, foi embora.  
Não de malas, mas de mundo.  
Deixou o riso fácil,  
as taças,  
as palmas,  
e o espelho que o elogiava.*

*Seus amigos, que antes o amavam por ser luz,  
agora desviam os olhos.  
É presença que confunde os mais próximos.  
— “É fase”, dizem.  
Mas ele sabe: foi parto.*

*Não se ajoelha diante de impérios,  
não beija a farda que finge ordem.  
Sua resistência é não resistir,  
como quem abraça o fogo para salvar o essencial.*

*Hoje, escreve com o que lhe basta,  
compartilha sem etiquetas,  
e dorme como quem perdoou o mundo inteiro.*

*Você o acha triste?  
O homem de Assis também era.  
Descalço, cantava com os pássaros,  
e libertou até o próprio nome.  
Mas era livre.  
E isso basta.*

## *Pés no Chão*

*Olha para o alto, mas não deixe a terra, fincada em teus  
pés, se soltar.*

*Ter fé na vida é voar assim,  
não perder o passo firme,  
cabeça erguida, como quem conhece  
o rumo exato da própria vontade.*

*Foco.*

*Vê onde pisas, o chão que sustenta;  
não há atalhos, não há sombra certa.*

*Conflitos?*

*Que se dissolvam nos passos,  
pois o realista que anda tem asas,  
voa sem perder o chão  
e sabe bem onde quer chegar.*

*Escuta, como disse Pessoa,  
"o essencial é saber ver":  
que ver de olhos abertos  
é pousar com graça,  
enquanto se aprende a voar.*

## *O Portal do Improvável*

*Ele caminha pelas avenidas do pensamento,  
os olhos abertos, mas a alma deitada.  
Na névoa da vigília, tece pontes invisíveis,  
e cada passo é um salto em direção ao improvável.*

*Quem pode dizer onde termina o real  
e começa o sussurro do possível?  
Um sonho acordado é um convite,  
um espelho sem moldura,  
onde o reflexo dança ao ritmo do que não foi,  
mas pode ser.*

*E você, fino leitor, que olha sem tocar,  
não sente o chamado da vertigem?  
A terra firme da lógica  
não é mais que areia sob os pés do devaneio.*

*Erga-se!  
Atravesse o portal do instante incerto,  
deixe que a liberdade do desejo  
desembarace a trama do cotidiano.*

*Pois os sonhos do acordado  
são como os outros sonhos:  
mudos, mas não calados;  
efêmeros, mas não esquecidos.*

## *Rompimento e Retorno*

*Deixo cair o peso de ontem,  
na tela fria onde a memória se dissolve.  
Desfalece o som digital,  
mas o silêncio das raízes me chama.*

*“O passado é uma roupa que não nos serve mais”,  
disse Drummond,  
mas no fundo,  
há um fio, um traço no horizonte,  
que nunca se quebrou.*

*Caminho entre sombras antigas,  
buscando o que deixei,  
não no brilho instantâneo do agora,  
mas no calor de uma palavra perdida.*

*Desconstruo as imagens que me moldaram,  
rompo com o que fui,  
mas a pele sente o toque de tempos distantes.  
A tecnologia silencia o espírito,  
mas o som da terra—*

*primitivo, profundo—  
ainda vibra no meu peito.*

*Quem sou eu sem essa linha entre o ontem e o nunca?  
Recupero-me no que esqueci,  
encontro-me no que perdi.  
E no espelho,  
não sou mais do que um homem,  
refeito pelo que nunca deixei de ser.*

## *CRUELDADE*

*(dito pelo espelho)*

*Falo de mim.*

*Não por coragem —  
mas porque o espelho se recusou  
a mentir hoje.*

*O que será lido aqui  
não é confissão nobre  
nem gesto de grandeza.  
É ajuste.*

*Eu me acostumei  
a chamar de profundidade  
o que era apenas  
insatisfação persistente.*

*Transformei inquietação  
em identidade.  
Dei nome filosófico  
ao que talvez fosse  
simples dificuldade*

*de aceitar o comum.*

*Eu disse que buscava verdade.*

*Buscava distinção.*

*Eu disse que recusava conforto.*

*Recusava mediocridade —*

*no sentido mais vaidoso da palavra:*

*o medo de ser igual.*

*Fiz da tensão*

*um argumento.*

*Fiz do conflito*

*um traço de caráter.*

*Fiz do inacabado*

*uma estética.*

*E assim permaneci*

*em processo —*

*não por destino,*

*mas por escolha disfarçada.*

*O espelho não me acusa*

*de excesso de ego.*

*Acusa-me de sutileza.*

*Refinei demais  
a própria fratura  
até que ela se tornasse  
admirável.*

*Chamei isso de lucidez.*

*Talvez fosse apenas  
resistência  
a ser comum  
sem ressentimento.*

*Não sou um abismo.  
Sou um homem  
que teme a planície.*

*E há pouca poesia nisso.*

*Se há coragem aqui,  
ela não está na tensão.  
Está em admitir  
que parte dela*

*me servia.*

*Que parte dela  
me diferenciava.*

*Que parte dela  
me protegia.*

*O espelho não oferece saída.  
Oferece proporção.*

*Não sou incompleto.  
Sou suficiente —  
e isso sempre me pareceu pouco.*

*Hoje leio em voz alta  
para que reste menos abrigo  
entre mim  
e o que sou  
quando ninguém observa.*

## *Felicidade do Vazio*

*O céu se abriu sem aviso.*

*Não esse, aberto como um corte que não sangra.  
Eu estava diante da janela fechada,  
mas foi o dentro que se rompeu.*

*De repente, o igual foi interrompido.  
O alto perdeu o nome, perdeu o dono,  
e o infinito deixou de prometer consolo.  
Era vasto demais para ser abrigo,  
vazio demais para ser ameaça.*

*Senti medo, depois uma alegria impronunciável.  
Como se a ausência me adotasse.  
Como se o nada retirasse de mim o que era excesso.*

*Fui arrancado de mim mesmo.  
Suspenso num fora sem mapa.  
Morte adiada: desastre.*

*E, no entanto, uma claridade sem Deus me atravessou*

*como salvação sem testemunhas.*

*Aprendi ali, no colapso:*

*quando tudo cai, o invisível começa a sustentar.*

*Agamben*

*quase*

*o gesto se forma  
mas não se completa*

*permanece  
antes do ato*

*não por falta  
mas por retenção*

*há uma força  
que não se realiza*

*e por isso  
não se perde*

*fica*

*entre o possível  
e o feito*

*sem escolher*

*o tempo desacelera  
não para*

*suspende*

*como se tudo  
pudesse acontecer*

*mas não devesse*

*— íris —*

*não move*

*mantém aberto  
o que não se cumpre*

*até que o sentido  
permaneça em espera*

## *A Escuta da Escuta*

*Ouve-me:*

*não digo*

*inevitável*

*escuta*

*a escuta*

## *Antes do Recipiente*

*alguém diz  
vou buscar água*

*e por um instante  
a linguagem retorna  
a alguma coisa  
mais antiga*

*não objeto  
não utensílio*

*apenas o movimento  
de aproximar-se  
daquilo  
que permanece*

*há palavras  
que perdem função*

*e por isso mesmo  
começam  
a respirar*

*MOVIMENTO II: MANUAL PARA TEMPOS  
NORMAIS*

## *Afaste-se do Desprezo em Silêncio*

*Vira a esquina e respira fundo,  
afaste-se do desprezo em silêncio.  
É o melhor que podemos fazer  
quando a indiferença veste sua armadura de ferro  
e os olhares se tornam espadas afiadas,  
cortando sem aviso.*

*Eu conheço esse cenário,  
já estive lá, no epicentro da tempestade de olhares,  
quando o desprezo é um sussurro que se torna grito.  
Não há necessidade de responder,  
de levantar a voz, de fazer tempestade no copo d'água.  
Como diz o velho ditado, “a palavra é prata, o silêncio é  
ouro.”*

*Quando o desprezo é uma lenda urbana  
e a indiferença se disfarça de hábito,  
afaste-se. Simplesmente afaste-se.  
A arte de não dar importância  
é uma forma de resistência,  
uma dança graciosa entre os ecos dos insultos.*

*Ouvi uma vez, não sei se é verdade,  
que o silêncio é a resposta mais poderosa,  
porque não dá combustível ao fogo.  
Imagino que, se fosse um espelho,  
o desprezo não se refletiria,  
desapareceria como sombra ao amanhecer.*

*Pode ser que eles esperem sua reação,  
um sinal de vida, uma faísca de desafio.  
Mas, ah, a ironia! Quando você se retira,  
sem uma palavra, sem um gesto,  
eles ficam com as palavras na boca,  
como se a falta de resposta fosse um tapa na cara.*

*Assim, você caminha, em silêncio,  
como um artista invisível,  
transformando a hostilidade em um palco deserto.  
Você é a estrela da sua própria peça,  
onde o desprezo não tem lugar,  
e a dignidade, silenciosa e ativa, brilha.*

*Abrace o silêncio como um amigo,  
e afaste-se do desprezo, não com raiva,*

*mas com a calma de quem sabe que, no final,  
o respeito é a recompensa  
para quem sabe ouvir o que não é dito.*

### *Fragmentos de Mim*

*Nas entrelinhas do silêncio, costuro palavras não ditas,  
as que fogem, que pesam, mas nunca encontram morada.  
“De que vale a vida, senão o sentir?”, questiono,  
na dúvida que me acompanha,  
como sombra ou sopro de vento que me escapa.*

*Sou feita de ausências e presenças,  
de memórias que dançam no escuro,  
no ritmo de um tempo que não volta.  
Mas quem disse que o tempo existe?  
Drummond talvez risse de mim,  
buscando o que já se foi,  
tentando segurar a areia em punho fechado.*

*Entre o sonho e o real,  
me perco no dia a dia,  
onde o comum se transforma  
em perguntas veladas.*

*Lygia talvez entendesse  
esse desejo de desvendar o mundo  
pela fresta entreaberta.*

*É na fragilidade da espera  
que encontro minha força,  
um paradoxo que a vida ensina,  
nas madrugadas onde o sono é promessa  
e o despertar, enigma.*

*Assim, vou vivendo,  
ou sobrevivendo,  
no limiar entre o dentro e o fora.  
Resta uma melancolia suave  
que, de tão íntima, já não dói.*

*Talvez seja isso:  
navegar no incerto,  
tendo o sentimento como guia  
e a poesia como consolo.*

*Com esse guisado não terás fracassos*

*Temperou a vida com alho pronto,  
amor de caixinha  
e uma pitada de esperança vencida.*

*Requentou promessas no micro-ondas,  
serviu ressentimento com farofa.  
Os vizinhos elogiaram o cheiro.  
Ninguém percebeu a falta de sal.*

*Disse que bastava caprichar no caldo  
pra engolir qualquer rotina.  
A receita?  
Três colheres de aparência,  
duas de silêncio,  
uma de riso enlatado.*

*Comeu sucesso de colher rasa.  
Arrotou princípios.  
Lambuzou-se de conveniência.*

*No fim, foi aplaudida*

*pelos que nunca provaram  
o gosto amargo da verdade.*

## *A Ducha Relaxante*

*O jato morno me dissolve.  
Cada gota pesa menos que o pensamento,  
mas insiste em escorrer pelos ombros,  
como se procurasse histórias para contar.*

*A ducha sabe onde tocar,  
concentra-se nas tensões mais antigas,  
desfaz a arquitetura dos dias difíceis,  
esculpe meu corpo sem me pedir licença.*

*Não há pressa aqui.  
O mundo lá fora que espere,  
enquanto me desfaço em vapor  
e me refaço em silêncio.*

## *Poema Rock'd Roll*

*Eu sou feito de ruas e acessos sinuosos,  
pedras no bolso, música no peito.  
É o corpo que dança sem mapa,  
a alma que vaga sem destino.  
"Transgredir é viver", já ouvi dizer.  
E, no fundo, concordo com o vento,  
que me empurra, que me guia,  
que me faz rodopiar no ritmo que ele quer.*

*A vida é rock'd roll, não porque grita,  
mas porque vibra,  
e eu vibro com ela.*

*As certezas?  
Deixo para quem tem medo do escuro.  
Eu quero é o tropeço, o risco, o susto.*

*No compasso do tempo, sou guitarra rasgada,  
uma linha fora da pauta,  
uma nota que desafina e acerta o coração.  
Alguém já avisou: "viver é perigoso."*

*E não busco aprovação,  
nem a brisa suave que adormece.  
Eu quero o trovão, a tempestade que lava,  
que acorda,  
que me faz sentir vivo.*

*Porque viver é isso,  
um eterno rock'd roll.*

## *Manual para Tempos Normais*

*A estupidez coletiva  
não nasce do ódio,  
mas da obediência.*

*Ela começa quando alguém  
decide não pensar  
porque já existe um procedimento.*

*Não há monstros.  
Há funcionários.*

*Gente correta, pontual,  
convicta de que cumprir  
é o mesmo que escolher.*

*A estupidez coletiva  
não inventa o mal —  
administra.*

*Divide tarefas,  
organiza horários,*

*dilui responsabilidades  
até que ninguém se reconheça  
no resultado.*

*Cada gesto é pequeno.  
Cada decisão, justificável.  
O conjunto, irreversível.*

*O mais perigoso  
não é o fanático,  
mas o homem normal  
que suspende o juízo  
para não criar problemas.*

*Aqui, pensar  
é visto como excesso.  
Duvidar, como atraso.  
Sentir, como desvio.*

*E quando tudo termina,  
ninguém se sente culpado —  
apenas cansado.*

*Talvez o verdadeiro horror*

*não seja o que foi feito,  
mas a facilidade  
com que poderia ser feito de novo.*

*Porque a estupidez coletiva  
não exige maldade,  
apenas silêncio interior.*

*E este,  
aprende-se cedo.*

*O lugar onde aprendemos a ser*

*Não foi um decreto.*

*Foi um corredor.*

*Não houve voz.*

*Houve horários, fichas, luz branca  
caindo sempre do mesmo ângulo.*

*Aprendemos cedo*

*que existir é ocupar um espaço previsto,  
responder a um nome que já nos esperava,  
ajustar o corpo à moldura.*

*Nada nos foi imposto à força.*

*Tudo foi oferecido como normal.*

*Sentar.*

*Levantar.*

*Olhar quando autorizado.*

*Calar quando o silêncio é mais eficiente.*

*O poder não entrou pela porta —*

*circulava no ar,  
na distância correta entre as cadeiras,  
na repetição tranquila dos gestos.*

*Aqui, ninguém manda.  
Todos funcionam.*

*O erro não é punido:  
é corrigido.  
A exceção não é combatida:  
é absorvida, classificada, arquivada.*

*Aprendemos a vigiar sem olhos,  
a confessar sem perguntas,  
a desejar dentro dos limites do possível.*

*Chamaram isso de formação.  
Chamaram isso de cuidado.  
Chamaram isso de verdade.*

*E um dia —  
sem alarme, sem ruptura —  
percebemos:*

*já não sabemos  
onde termina o lugar  
e começa aquilo  
que chamamos  
de nós.*

## *Tratado Breve sobre o Óbvio*

*A imbecilidade não grita.*

*Isso é o primeiro erro.*

*Ela entra na sala*

*como quem já estava ali antes.*

*Não é falta de inteligência,*

*mas excesso de certeza.*

*Uma convicção que não se move*

*nem quando o mundo muda de lugar.*

*Ela não argumenta —*

*repete.*

*Não escuta —*

*confirma-se.*

*E o que mais dói*

*não é o choque,*

*mas a convivência prolongada:*

*o contato diário com aquilo*

*que não quer aprender*

*porque acredita já saber.*

*A imbecilidade é econômica:  
poupa dúvidas,  
recicla frases,  
vive de atalhos.*

*Por isso cansa.*

*Ela não é trágica,  
é persistente.  
Não mata —  
desgasta.*

*O homem lúcido sofre  
não porque seja superior,  
mas porque vê mais caminhos  
e é obrigado a caminhar apenas um.*

*Talvez o verdadeiro drama  
não seja a existência da imbecilidade,  
mas sua imunidade à experiência.*

*Ela atravessa os fatos*

*sem se modificar.*

*E exige de nós  
o mais difícil dos exercícios:  
continuar pensando  
sem perder a delicadeza.*

## *A Imagem Antes da Experiência*

*Talvez uma das mudanças mais silenciosas do presente  
tenha sido esta:  
a experiência já não chega sozinha.*

*Ela vem acompanhada  
de sua possibilidade de registro.*

*Há viagens  
que começam pela fotografia imaginada.  
Restaurantes organizados  
como cenários de permanência breve.  
Momentos que parecem existir  
já voltados para sua própria circulação.*

*Durante muito tempo,  
a imagem vinha depois.  
Era memória.  
Vestígio.  
Tentativa de preservar algo vivido.*

*Agora,*

*em muitos casos,  
ela antecede o próprio acontecimento.*

*O sujeito atravessa o mundo  
ligeiramente dividido:  
uma parte vive,  
a outra observa  
como aquilo poderá ser visto.*

*E talvez por isso  
certas experiências contemporâneas  
pareçam estranhamente lisas.*

*Muito visíveis.  
Muito compartilháveis.  
Mas quase sem espessura interior.*

*Como se a beleza,  
quando excessivamente consciente de si,  
começasse lentamente  
a substituir a presença.*

## *A Política Como Linguagem de Aparição*

*Talvez o espetáculo contemporâneo  
não tenha afastado a política.*

*Talvez tenha apenas alterado  
sua forma de existir.*

*O discurso precisa ser rápido.  
A frase precisa circular.  
A indignação precisa ser imediatamente visível.*

*Pouco a pouco,  
o debate cede espaço  
à performance.*

*E então surgem figuras públicas  
cada vez mais próximas  
de personagens contínuos.*

*Não importa apenas o que se pensa.  
Importa o enquadramento.  
A reação.*

*A edição.*

*O corte capaz de sobreviver  
alguns segundos  
no fluxo.*

*A política aprende a disputar atenção  
como quem disputa audiência.*

*E talvez seja por isso  
que certos acontecimentos  
pareçam menos decisões coletivas  
do que episódios sucessivos  
de uma narrativa infinita.*

*Tudo precisa produzir impacto instantâneo.  
Tudo precisa permanecer assistível.*

*Mas existe algo inquietante nisso:  
quando a visibilidade se torna central,  
o risco é que a aparência de intensidade  
comece lentamente  
a substituir a própria profundidade.*

## *O Mundo Atrás da Tela*

*Há acontecimentos  
que chegam até nós  
antes mesmo de serem compreendidos.*

*Primeiro aparece a imagem.  
Depois,  
muito depois,  
a experiência tenta alcançar  
o que viu.*

*Catástrofes.  
Guerras.  
Despedidas.  
Colapsos.  
Tudo atravessa a mesma superfície luminosa.*

*O mundo inteiro parece acontecer  
na distância plana das telas.*

*E talvez seja essa  
a sensação mais estranha do presente:*

*vemos quase tudo,  
mas tocamos cada vez menos.*

*A repetição contínua das imagens  
não produz necessariamente proximidade.*

*Às vezes,  
produz saturação.*

*O olhar se acostuma.  
O espanto diminui.  
Os acontecimentos começam a deslizar  
uns sobre os outros  
como se possuísem o mesmo peso emocional.*

*E então surge uma suspeita difícil:*

*talvez o excesso de imagens  
não revele o mundo.*

*Talvez,  
em certos momentos,  
comece lentamente  
a ocultá-lo.*

## *Monólogo para os que fingem juízo*

*Acordei farta do papel de sensata.  
Resolvi me permitir o desvio,  
um rasgo no script da normalidade.  
Conversei com o silêncio,  
ele me respondeu com sarcasmo.*

*Me perguntam se estou bem.  
Digo que sim —  
mas meu sim é um teatro vazio.*

*Descobri que, quando pareço fora do eixo,  
ninguém mais exige que eu seja reta.  
Há conforto nesse caos escolhido,  
nessa liberdade que assusta e fascina.*

*Talvez Hamlet entendesse,  
talvez risse da minha encenação tardia.  
Não estou louca.  
Só desisti de parecer sã  
num mundo que aplaude a insanidade comedida.*

## *DIVISAS*

*Eu recuo sem correr.*

*Eu avanço sem tocar.*

*∴ Há fronteiras que respiram.*

*∴ Há cercas que aprendem nosso nome.*

*Fiquei longe da linha, por prudência e cansaço.*

*Guardei o gesto, recolhi a voz,*

*troquei o impacto pelo cálculo.*

*Perdi força devagar, como quem aprende a caber.*

*Aceitei o limite para não cair,*

*aceitei o silêncio para não ferir.*

*Obedeci aos assobios,*

*não por medo, mas por hábito.*

*Fui ficando seco, funcional, correto.*

*De lado, amarrado, eficiente.*

*Dentro do cerco, descobri a regra*

*que ninguém discute:*

*a divisa não é o mapa,*

*é a mão que treme antes do passo —  
e ainda assim pede passagem.*

## *A parte selvagem da vida humana*

*Ele sabe:*

*no berço da infância repousa  
o que há de mais indomável.  
Ali onde a razão ainda não finca raízes,  
cresce a alma desejante —  
um campo aberto de imagens,  
sombra que corre atrás da luz  
sem saber por quê.*

*A criança:*

*filhote de ideia,  
feroz e lírica,  
mistura de sonho com impulso,  
máquina de invenções e pequenas ruínas.  
Mais selvagem que o lobo,  
mais súbita que o raio —  
é nela que Platão vê o mito em flor,  
a alma sem rédeas  
que precisa de histórias  
para se dobrar ao logos.*

*E quem a doma?*  
*Ninguém.*  
*Apenas se conta, se canta,*  
*se planta esperança —*  
*com delicadeza e risco.*

## *Tempo Livre*

*preciso preencher  
o tempo livre*

*como se o vazio  
fosse um erro*

*como se existir  
dependesse  
de ocupação contínua*

*mas o tempo  
não espera tarefas*

*ele atravessa  
o corpo  
mesmo imóvel*

*e pouco a pouco  
já não passa diante de nós*

*passa em nós*

## *Render*

*preciso render  
hoje*

*como se o corpo  
fosse máquina  
de conversão contínua*

*mas existem dias  
em que a consciência  
se move devagar*

*não por falha*

*talvez por excesso  
de mundo*

*há lentidões  
que não impedem a vida*

*apenas recusam  
transformá-la  
em desempenho*

## *Dar Conta*

*tenho que dar conta*

*como se existir  
fosse carregar  
uma quantidade crescente  
de mundo*

*mas nenhuma consciência  
acompanha tudo*

*algo sempre escapa*

*uma paisagem  
um pensamento  
uma tarde inteira*

*e talvez maturidade  
não seja controlar a vida*

*mas suportar*

*com alguma delicadeza*

*aquilo que permanecerá  
inacabado*

## *O Desvio*

*O caminho era o mesmo. Pelo menos, era assim que ele reconhecia.*

*Nada indicava mudança. As referências estavam no lugar, os pontos de passagem, intactos. Ainda assim, em algum ponto, algo deixava de coincidir.*

*Não era um erro de percurso.  
Era um deslocamento quase invisível — como se o trajeto tivesse sido levemente ajustado sem alterar sua aparência.*

*Ele seguiu.*

*Aos poucos, percebeu que não chegaria exatamente ao mesmo lugar. Não porque tivesse escolhido outro caminho, mas porque o próprio percurso já não repetia.*

*Talvez o desvio não seja sair da rota.  
Mas permanecer nela enquanto ela muda.*

*O desvio não interrompe o caminho.  
Ele o transforma sem avisar.*

*Deriva*

*Ele continuou andando.*

*O caminho estava dado. As margens eram claras. As árvores formavam um eixo contínuo, quase conduzindo o olhar.*

*Ainda assim, não indicavam para onde ir.*

*A cada passo, a direção parecia confirmada. Mas não havia nada que a sustentasse além do próprio movimento.*

*Virar ou seguir em frente produzia o mesmo efeito.*

*A variação não alterava o percurso.*

*Em algum ponto, já não se tratava de escolher.*

*Mas de não interromper.*

*Parar exigiria reconhecer um destino.*

*Seguir mantinha o caminho em aberto.*

*Derivar não é perder a direção.*

*É quando a direção deixa de fazer diferença.*

## *A Fila*

*A fila não avançava. Não era longa, nem desorganizada. Apenas permanecia no mesmo ponto, como se o movimento tivesse sido suspenso sem aviso.*

*Ninguém saiu.*

*Os corpos mantinham a posição com pequenos ajustes — um passo mínimo, um deslocamento leve, nada que configurasse progresso.*

*A ideia de fila pressupõe direção. Um início, um fim, um deslocamento contínuo. Quando isso não acontece, resta apenas a forma, vazia de função.*

*Ainda assim, ninguém abandona.*

*Talvez porque sair signifique perder um lugar que, mesmo imóvel, ainda promete algo.*

*O tempo ali não se mede por avanço. Mas por permanência.*

## *O Limite*

*A marca no chão indica até onde se pode ir. Não há barreira física, nem impedimento visível. Apenas uma linha, discreta, que separa o espaço em dois.*

*Ninguém ultrapassa.*

*Não por medo, nem por vigilância. Mas porque a indicação basta. Há um acordo silencioso de que aquilo define um fim, mesmo sem impedir o corpo.*

*É curioso como certos limites não precisam de força para existir.*

*Basta que sejam reconhecidos.*

*O espaço além continua acessível. Visível. Quase convidativo. Ainda assim, permanece intacto.*

*Não porque não possa ser atravessado.*

*Mas porque, uma vez aceito, o limite já cumpre o que veio fazer.*

## *O Ajuste*

*Ele percebeu o ajuste quando já estava feito.*

*Nada mudou de forma evidente. O espaço continuava o mesmo, as distâncias, iguais. Ainda assim, algo não encaixava exatamente como antes.*

*Tentou localizar a diferença, mas ela escapava. Não era um erro, nem uma falha. Era apenas um deslocamento mínimo — suficiente para alterar a sensação, insuficiente para ser apontado.*

*Seguiu com o que estava fazendo.*

*Com o tempo, o corpo pareceu aceitar. Reorganizou pequenos gestos, recalculou distâncias sem pensar. O ajuste deixou de ser percebido e passou a ser operado.*

*Talvez seja assim que certas mudanças acontecem. Não quando são notadas, mas quando deixam de exigir atenção.*

*O ajuste não corrige.*

*Ele redefine o que já não parecia errado.*

## *Se Kafka fosse Mulher*

*e se ela fosse também a fenda por onde  
vaza o que o mundo não quer ver  
a poesia sem licença  
a epifania do corpo em estado bruto*

*ela – que dispensa permissão  
para existir  
e para rir  
e para romper paredes com gestos simples*

*onde o filósofo prende o ar  
ela continua andando  
de salto alto sobre absurdos  
transformando o ridículo do patriarcado  
em matéria-prima de liberdade*

*não é musa  
não é metáfora  
é o texto inteiro  
corrigindo as margens  
do que sempre foi escrito por homens*

*ela escuta o silêncio das estrelas  
e o barulho das normas caindo*

*no limite da noite  
ela prova que a dignidade  
não depende do pudor alheio*

*afinal  
se Kafka fosse mulher  
o absurdo teria sido  
revolução.*

*MOVIMENTO III: EROS VESTIA BATOM  
COR SANGUE*

## *Antes de Tocar*

*Eu caí por ele.*

*Não tropecei — caí por dentro,  
como quem perde a gravidade  
e encontra outra.*

*Disseram que amor é céu,  
mas eu descobri o subsolo do encanto:  
um mergulho cego,  
uma fé sem manual,  
o susto de perceber que posso desaparecer  
no olhar de alguém.*

*Eu caí por ele  
quando ele nem sabia meu nome,  
e achei bonito esse erro,  
essa ousadia de acreditar  
que algo inominado  
pudesse me sustentar.*

*Caí porque o amor era promessa,  
e eu, crédula:*

*esperando o milagre  
da palavra virar pele,  
da ilusão virar casa.*

*Agora eu rio —  
o passado conjuga a paixão,  
e ainda assim,  
é como se o corpo lembrasse  
o susto da queda  
toda vez que alguém me toca.*

## *O Mesmo Ponto*

*não foi uma vez*

*foi a primeira  
de algo que não termina*

*o gesto encontra  
o próprio gesto*

*e insiste*

*não há avanço*

*há retorno*

*o corpo aprende rápido  
o caminho mais curto*

*e começa a recusá-lo*

*não por escolha*

*mas porque o desvio  
intensifica*

*você repete*

*eu também*

*como se repetir  
fosse aprofundar*

*e talvez seja*

*mas não há fundo*

*apenas mais*

*sempre mais*

*o ritmo não cresce*

*ele se fecha*

*gira sobre si*

*até que tudo  
parece acontecer  
no mesmo lugar*

*e isso acelera*

*não o tempo*

*mas a necessidade*

*há um ponto  
em que parar  
não interrompe*

*apenas desloca*

*e voltar  
já não é voltar*

*é continuar*

*eu não sei  
se ainda é você*

*ou o que em você  
se tornou passagem*

*também não sei  
o que em mim  
permanece*

*mas sigo*

*não porque quero*

*porque já começou  
a não ter saída*

*Vi você chegando*

*Vi você chegando, e parei.*

*Vi você chegando, e me calei.*

*Vi você chegando — veja bem — deixei o tempo tropeçar no próprio passo.*

*Vi você chegando: não era feriado, nem visita marcada.*

*Vi você chegando: não era hora — mas era você.*

*Vi você chegando.*

*E fiquei.*

## *Brunette*

*Ana Francisca é morena  
e quem a vê por aí  
há quem jure —  
que o sol se deita só pra ela.*

*Cabelos ao vento, castanhos  
como a terra quente  
e nos olhos,  
a promessa azul do mar —  
mar que muitos olham, poucos desvendam.*

*Ela caminha como quem sabe de cor  
o que Adélia dizia:  
"Sou mulher que ainda acredita nas palavras."  
Ah, se acreditam!  
Mas ela? Finge que não.*

*É brilho dourado sobre a pele morena,  
brilho quase verde ao sol,  
um dourado que não cabe no tempo,  
não cabe na gente.*

*Ana Francisca, que de longe parece serena,  
leva na risada a tempestade e o mistério,  
pedaços de saudade e  
fagulhas de promessas,  
que ninguém sabe quando se cumprem.*

*Se sorri? É amor de brincar.  
Se entristece? Parece canção de Cecília:  
um querer que vai além da gente,  
aquela tristeza de fim de tarde  
que fica, mas não pesa.*

## *Quando Ela Acontece*

*Ela não falava — acontecia.*

*Como um sopro quente na nuca de um pensamento antigo.*

*Não era bela: era necessário vê-la.*

*A ternura vinha de onde o mundo partira.*

*No bar, o moço desfez-se em silêncio.*

*Sentiu o que não se aprende:*

*o abismo entre querer e saber querer.*

*Eros vestia batom cor sangue e calava.*

*Não era mulher.*

*Era o que resta quando se ama demais.*

## *Entre a Virtude e o Cálculo*

*Marcela não fingia ser flor.  
Era chama e espelho,  
dava beijos como promissórias.  
Amou por quinze dias,  
em prestações e perfumes.  
Não mentia,  
apenas cobrava.*

*Brás perdeu-se em seus olhos  
sem saber que eram cifras.  
Os rapazes diziam: espanhola!  
Mas ela dançava só para o ouro.  
Coração? Cofre.  
Paixão? Chave falsa.  
E seguiu:  
não por amor,  
mas pelo brilho que o amor deixava.*

## *O mestre que não responde*

*Você me pergunta o que eu quero.*

*E eu — entre dentes e cílios — sorrio.*

*Como dizer que o que desejo*

*é que você deseje me decifrar?*

*Dou pistas falsas.*

*Faço charme com a própria dúvida.*

*Aponto a porta e, antes de você abri-la,*

*mudo o caminho.*

*Meu prazer não está em ganhar o jogo,*

*mas em vê-lo jogar sem regras.*

*A cada certeza sua, invento uma nova pergunta.*

*Sou espelho rachado: nunca devolvo o que esperam.*

*E mesmo assim, sigo faminta.*

*Não por respostas.*

*Mas pelo barulho que elas fazem antes de cair.*

*Porque o que não viveu, inventa*

*Ele me pensa  
nos intervalos —  
quando o mundo não exige legenda.*

*Nunca me teve,  
mas me abriga como se soubesse.  
Cria-me melhor do que eu seria,  
me atribui silêncios elegantes,  
culpas que perdoaria.*

*Não há provas.  
Só traços.  
E uma ausência que ele esculpiu  
com unhas e noite.*

*Fui o poema que ele quis decifrar  
sem ler em voz alta.  
O erro que não cometeu  
é o que mais volta.*

*Ele passa —*

*como o vento que volta —  
e quando o fôlego não alcança,  
ele me inventa.*

*E o que ele inventa,  
não falha.  
Porque só o que não viveu,  
inventa.*

*Eu dei o laço que me deixou cair na armadilha*

*Acordei com o vestido torto,  
o tecido ainda quente do corpo dele.  
O sofá respira junto,  
como se guardasse segredos da madrugada.*

*A calcinha rosa, caída no tapete,  
parece observar, satisfeita,  
o território conquistado.*

*O gelo derreteu na vodca,  
mas não em nós.  
A música que tocava  
ainda dança em algum lugar dentro da pele.*

*Abro os olhos devagar.  
Tudo está igual.  
E, no entanto,  
nada é o mesmo.*

*Perto o bastante para não tocar*

*Não me aproximo.*

*Não agora.*

*Um brilho suspenso pesa na pálpebra,  
queimando devagar, como febre contida,  
e é quase um alívio não cruzar o espaço.*

*Ela sustenta o olhar  
com a paciência de quem sabe  
que o desejo cresce melhor na espera.*

*Posso ouvir minha própria respiração  
misturando-se à dela,  
mesmo que não nos toquemos.*

*O mundo está todo aqui,  
neste silêncio espesso,  
neste instante que não passa.*

*Se eu avançar,  
acabará.*

*E, talvez, seja isso que ela quer:  
me manter  
perto o bastante para não tocar.*

## *A Política do Eros*

*No seio de eros  
um gérmen do universal.*

*O corpo é passagem.  
A alma, testemunha.*

*Mover-se é mais que gozo.  
É impulso.  
É promessa de belo.*

*Mas há o risco:  
quando o amor se profana,  
o universal se cala.*

*Cupidez grita.  
Razão se esconde.  
Coragem vacila.*

*Ainda assim,  
eros governa.  
Negocia.*

*Insiste.*

*Se bem governado,  
o eros se ergue  
como desejo insurgente,  
abrindo fendas no presente,  
inventando uma vida outra,  
uma sociedade ainda impossível.  
E nele repousa, em silêncio,  
a fidelidade ao que virá.*

## *Serenade de Outono: Silêncios que Imploram*

*Mandei bilhetes pelo rio,  
torcendo para que as ondas  
dessem à tua porta  
o que nunca ousei dizer.*

*Ofereci-te flores da estação errada,  
pétalas desbotadas de tanto esperar,  
mas que ainda sabiam teu perfume,  
como se a memória fosse um jardim.*

*Por fim, sentei-me ao piano  
e deixei Schubert guiar meus dedos —  
cada nota, um soluço;  
cada pausa, um suspiro teu.*

*Se não vens, amada, escuta ao menos:  
os rouxinóis ainda te chamam,  
e no peito que já não grita,  
meus versos ainda te esperam.*

## *COMPROMETIDA*

*Ela não caiu.  
Se ofereceu ao abismo.*

*Sabia o preço  
e mesmo assim  
assinou com o corpo.*

*Agora não é mais só desejo:  
é pacto.  
Testemunha invisível entre os dois,  
respirando no escuro.*

*O mundo continua lá fora,  
mas dentro dela  
algo arde —  
não por amor,  
mas pelo crime de ter escolhido ficar.*

*Comprometida.  
Não mais visitante do próprio peito,  
mas moradora*

*de uma culpa doce,  
sem absolvição possível.*

*E se disser que pode voltar atrás,  
mente.*

*Porque há marcas  
que não se desfazem,  
mesmo quando o toque termina.*

*Quem a olhar nos olhos  
verá:  
ela incendiou a própria jaula  
para provar que estava viva.*

## *Pequeno Veneno, Grande Teatro*

*“Dans le détail se cache o destino”, disse Valéry  
— e eu acredito.*

*Porque eu também me escondo em detalhes.  
No meio passo.  
No meio sorriso.  
Nesse modo de entrar na sala como quem pede desculpa  
e, ao mesmo tempo, acende tudo.*

*Há uma parte minha  
— essa intertainer japonesa que inventei —  
que tropeça de propósito,  
finge distração,  
derrama doçura como perfume de lixia  
para ver quem respira mais perto.*

*E, sim, pareço pequena.  
Frágil.  
Quase sua.  
Fácil de seduzir...  
(se você quiser acreditar nisso).*

*Mas eu sinto quando alguém me agarra o destino com  
pressa.*

*Sinto a vitória antecipada no toque.*

*E deixo.*

*Só um segundo.*

*Depois viro.*

*Encaro.*

*E o silêncio corta.*

*Meu gesto sobe, preciso, inevitável —  
e antes que perceba,  
você aprende, no chão,  
que não existe veneno pequeno.*

*No último suspiro desse truque,  
descobre a trilha sonora inteira:  
“a sedução nunca foi minha.”*

## *A Delicadeza é um Tipo de Arma*

*Ele devia saber que ninguém oferece delicadeza impunemente.*

*É sempre um gesto calculado, mesmo quando parece distraído — principalmente quando parece distraído.*

*Há sempre uma dobra secreta entre um favor e uma intenção, um limite estreito onde a boa educação encosta no desejo e finge que não sentiu nada.*

*Ela percebeu isso cedo.*

*Que certos cuidados chegam com o peso de uma pergunta que não foi feita.*

*E que algumas frases gentis são mais perigosas do que insultos bem dados.*

*Mas a verdade (essa que ele não suportaria ouvir) é que ela sempre entendeu a gentileza como quem afia uma lâmina.*

*Sorri, escuta, oferece um comentário suave — e espera.*

*Não por maldade, mas porque o mundo se abre mais fácil quando é tratado com cortesia.*

*A delicadeza desarma.*

*A delicadeza seduz.*

*A delicadeza sempre chega antes do que realmente interessa.*

*Ele, claro, acreditava ser exceção.*

*Pensava que a atenção dela era um elogio.*

*Mas a atenção dela nunca era elogio: era estudo.*

*Ela colecionava silêncios, observava reações, anotava mentalmente hesitações.*

*Cada pequeno gesto dele era um capítulo.*

*Cada palavra, uma confissão involuntária.*

*E quanto mais ele tentava parecer impecável, mais transparente ficava.*

*O erotismo, ali, não estava no encontro — estava no entendimento.*

*No modo como ela enxergava demais.*

*No modo como ele não sabia esconder.*

*E quando ele finalmente percebeu que estava entregue, ela apenas sorriu, sem crueldade, mas com uma precisão que desmonta.*

*Porque ali, naquele instante breve e afiado, ele entendeu o que deveria ter sabido desde o início:*

*ninguém, absolutamente ninguém, sobrevive ileso  
à pessoa que sabe usar a delicadeza contra você.*

## *Manual de Riscos para Amores Lentíssimos*

*Ela pensa nos escargots.*

*“(ninguém admite, mas comer caracóis é tocar o limite do estranho)”*

*manteiga quente.*

*alho.*

*salsa.*

*um corpo que desliza para fora da concha.*

*Ele observa o modo como ela leva o garfo à boca*

*— e sente um arrepio.*

*O perigo existe, dizem:*

*verme pulmonar do rato, infecções, febres, destinos raros.*

*Mas ela ri.*

*Ela sempre riu do perigo pequeno*

*e tremeu diante do grande.*

*O amor deles é assim:*

*uma mesa posta no meio do improvável.*

*fragmentos:*

*o cheiro forte.  
o risco escondido.  
o prazer que só existe porque algo pode dar errado.*

*Ela diz que certos sabores não chegam para quem tem  
pressa.*

*Ele entende:  
certas verdades também não.*

*Eles comem devagar.  
muito devagar.*

*sabem — sem falar —  
que alguns amores, como alguns pratos,  
só se revelam  
para quem suporta esperar  
“o calor chegar ao centro.”*

## *Afinidade Não Gosta de Plateia*

*Abro como quem volta ao mesmo pulso:  
o que nos afina não é o acordo, é a repetição do erro certo.*

*Eu ando com uma fome discreta.  
Não de gente — de afinidade.  
Cansa admirar por empréstimo, sorrir por educação, caber  
no molde.  
Aprendi tarde que sintonia não se negocia: ou vibra, ou  
não existe.*

*Procuro quem escute o mesmo ruído por trás da conversa.  
Quem tropece na própria obsessão e chame isso de caminho.  
Há um parentesco secreto entre os que insistem.  
Não é virtude. É vício bem escolhido.*

*Às vezes pareço difícil, eu sei.  
É defesa.  
Afinidade não gosta de plateia, pede silêncio, demora, um  
certo risco.  
Quando aparece, não grita: reconhece.  
Um gesto mínimo.*

*Um desvio compartilhado.*

*Um riso fora do tempo.*

*E sigo assim, exagerado por dentro,  
coleccionando quase-encontros,  
porque a verdadeira intimidade não se anuncia —  
ela acontece quando ninguém está tentando impressionar.*

*No fim, ironia pura: “chamo de afinidade quando alguém  
me suporta exatamente onde eu não me suporto”.*

## *O Averso da Calma*

*Você não contou isso a ninguém.*

*Nem a si.*

*Ainda assim, está aqui.*

*Há uma loba que aprende seu ritmo pelo avesso:*

*ela sabe a hora em que você finge calma,*

*o ponto exato onde o corpo endurece*

*quando dizem “é só impressão”.*

*Ela não responde.*

*Ela anota.*

*Você a sente quando ri um segundo depois do necessário,*

*quando aceita menos para não perder tudo,*

*quando recolhe os dentes antes do espelho.*

*É ali que ela acorda.*

*Não para atacar —*

*para vigiar.*

*Ninguém te ensinou isso,*

*mas você sabe quando algo ultrapassa.*

*Sabe sair antes da porta fechar.*

*Sabe ler ameaças em frases gentis.*

*A loba também.  
Ela aprendeu vivendo em você.*

*Se este texto parece saber demais,  
é porque passou pelo mesmo lugar que você evita nomear.  
Não é revelação.  
É reconhecimento.*

*A loba não quer ser entendida.  
Quer continuar inteira.  
E quando você lê até aqui,  
ela inclina a cabeça,  
como quem diz:  
“eu vi você”.*

*E segue.  
Sem explicações.*

## *O Pudor que Arde por Dentro*

*Ele presente*

*que o amor se perdeu no ruído —  
não aquele bonito, de juras,  
mas o ruído duro  
do corpo exibido como moeda.*

*E ri, um riso torto,  
porque sabe que a pressa  
engole o outro inteiro  
e ainda pede sobremesa.*

*Então recolhe o gesto,  
afasta um pouco a cena,  
cultiva um silêncio curto —  
pequeno demais para ser santo,  
grande o bastante para ser humano.*

*E nesse intervalo  
ele se atreve a olhar o outro  
como quem devolve o nome,  
como quem entrega um rosto,*

*como quem diz:*  
*“não quero te consumir,*  
*quero te alcançar”.*

*Mas logo entende*  
*que alcançar exige distância,*  
*esse decoro antigo,*  
*essa beleza que ninguém posta,*  
*esse susto*  
*de descobrir que o outro*  
*não cabe na palma.*

## *A Polidez do Coração*

*não era sobre o sorriso —  
mas o modo como ele esperava  
que o outro chegasse primeiro.*

*ela sabia que gentileza  
não se ensina,  
se repete.  
como o vento que varre  
sem querer varrer.*

*ser polido  
não era brilhar,  
era conter o impulso  
de ferir.*

*há quem confunda  
educação com disfarce,  
mas a polidez do coração  
é outra coisa:  
é ternura em reticência,  
é delicadeza com o tempo,*

*é fé no encontro,  
mesmo quando não há plateia.*

*talvez seja isso —  
a ética que nasce do afeto  
e se disfarça em gesto leve,  
como quem oferece a última flor  
sem perceber que o perfume ficou nas mãos.*

*E no fim,  
tudo cabe num silêncio gentil —  
como os que Yasunari Kawabata escreveria.*

*Não vim até você por causa do vento.*

*Ele diz isso como quem testa a própria voz  
num quarto que ainda guarda  
o formato do corpo dela  
sem o corpo.*

*Desde então,  
tudo comparece por falta.  
O copo cheio de sede.  
A cadeira ocupada por ninguém.  
O dia, excessivamente dia.*

*Ele escreve porque o silêncio  
aprendeu a gritar.  
Não é talento —  
é sobrevivência organizada em linhas tortas.  
A cidade segue funcionando  
com sua alegria operacional,  
e isso o ofende.  
Como ousam atravessar a rua  
sem tropeçar nela?*

*Há noites em que ele encosta o ouvido no peito  
para ver se o coração ainda bate  
ou apenas repete o nome dela  
em variações mínimas,  
como um tema musical que nunca resolve.*

*Ele se senta, espera,  
não espera nada.  
A ausência virou método.  
Um treino diário de sentir demais  
sem plateia.*

*Lembra do que ela disse,  
meio aviso, meio maldição:  
um dia você será a voz do amor.*

*Agora entende.  
Não porque ama melhor,  
mas porque perdeu o direito  
de ficar calado.*

*No fundo, escreve para devolvê-la ao mundo —  
mesmo sabendo  
que ela só queria*

*silêncio suficiente  
para nunca mais precisar ouvi-lo.*

## *O Ensaio da Espera*

*Ele ensaia viver como quem sublinha margens.  
Cita para não sangrar.  
Montaigne lhe empresta um espelho onde a morte já  
respira,  
Pascal reduz o orgulho a um ponto zero elegante,  
Kant organiza o caos em uma razão só,  
e Buzzati promete um amanhã que nunca chega —  
sempre depois do depois.*

*Ele aceita o dia como todos os dias,  
usa o tempo sem acreditar na duração,  
aguarda o acontecimento redentor  
com a paciência de quem chama isso de caráter.*

*Há uma música lenta atravessando o pensamento,  
uma doçura que sustém o peso do nada,  
como se a beleza pudesse adiar o fim  
apenas por bons modos.*

*No último ensaio, ele entende:  
a aposta era não apostar —*

*e ainda assim assinou embaixo,  
com tinta invisível,  
o contrato vitalício da espera.*

## *Amor Bem-Educado*

*Eles ainda se tratavam com gentileza.  
Era o último acordo que funcionava.*

*O “bom dia” vinha no horário certo,  
o beijo no rosto respeitava a distância correta  
entre dois corpos que aprenderam a não se pedir nada.*

*Chamavam isso de maturidade.  
Era apenas logística emocional.*

*Ela sabia o que ele pensaria antes de pensar.  
Ele sabia exatamente quando não ouvir.  
Essa previsibilidade foi confundida com intimidade.*

*Riam das mesmas coisas,  
mas sempre um segundo depois do outro.  
Nunca juntos.*

*O amor não acabou de forma dramática.  
Foi ficando educado demais para sobreviver.*

*Quando se deitavam,  
o silêncio ocupava o centro da cama  
como um filho que não existiu  
e mesmo assim exigia espaço.*

*Se alguém perguntasse, diriam que estavam bem.  
E não estariam mentindo.  
Apenas usando a palavra errada.*

*O riso veio por último.  
Curto.  
Constrangido.*

*Depois disso,  
continuaram.*

## *Quando o Tempo Solta o Corpo*

*Eu caio.*

*Não para baixo — isso seria simples —  
caio para dentro de um lugar onde o ar não tem paredes  
e o nome das coisas se desfaz antes de chegar à boca.*

*Havia um quarto, havia um gesto errado,  
havia o peso de um mundo usando mãos albeias.  
O tempo, esse animal domesticado,  
parou de obedecer.*

*Tudo ficou grosso, lento,  
como se eu atravessasse uma água escura  
sem aprender a nadar.*

*Meu corpo ficou para trás,  
aprendeu a suportar sozinho o que não pedi.*

*Eu, não.*

*Eu escapei por uma fresta mínima,  
um erro na arquitetura do medo.  
Virei pensamento sem endereço,  
uma queda ao contrário,  
dessas que não esmagam —*

*suspendem.*

*Não foi coragem.*

*Foi instinto de nuvem.*

*Quando não há chão confiável,*

*o céu vira opção.*

*Lá de cima — ou de dentro —*

*vi o ódio perder densidade,*

*vi a violência tropeçar no próprio excesso,*

*vi a cena diminuir até caber*

*num ponto irrelevante da memória.*

*Ainda doía, sim,*

*mas a dor já não mandava em mim.*

*Ela falava baixo.*

*Eu escutava só o necessário.*

*Desde então,*

*quando tudo ameaça ruir,*

*eu cedo.*

*Solto.*

*Caio.*

*Caio em direção ao céu infinito*

*como quem aprende, tarde demais,  
que nem toda queda é castigo  
— algumas são apenas o modo mais elegante  
de não permanecer.*

## *Nome que Damos*

*não começa no toque*

*começa antes*

*quando o corpo já sabe  
e ainda não fez*

*há uma aproximação  
que não depende de vontade*

*apenas acontece*

*como se algo em mim  
reconhecesse  
antes de mim*

*eu não avanço*

*mas também não recuo*

*fico nesse ponto*

*onde o gesto se forma*

*e não se cumpre*

*você está*

*não exatamente perto*

*mas suficiente*

*para que o ar mude*

*há uma repetição  
que ainda não aconteceu*

*e já insiste*

*como se o encontro  
não fosse início*

*mas retorno*

*eu poderia parar*

*nomear*

*dar contorno*

*mas isso quebraria*

*não o momento*

*mas o que nele  
não pede forma*

*então permaneço*

*nesse quase*

*onde o corpo acende  
sem consumir*

*e sustenta*

*por um instante*

*a ilusão*

*de que não será  
preciso continuar*

*O Que Fica em Você*

*eu permaneço*

*não como presença*

*mas como continuidade*

*há algo em mim  
que aprendeu o seu ritmo*

*e agora precisa dele  
para não cessar*

*não é amor*

*não mais*

*é outra coisa*

*uma forma de seguir  
que passa por você*

*mesmo quando você  
não está*

*eu repito seus gestos  
em lugares onde você nunca esteve*

*uso o seu tempo  
para atravessar o meu*

*e isso funciona*

*melhor do que deveria*

*há uma calma nisso*

*quase perfeita*

*como se tivéssemos encontrado  
um modo de durar*

*sem precisar coincidir*

*eu não peço*

*não tomo*

*não avanço*

*apenas permaneço*

*no que em você  
continua*

*mesmo quando você muda*

*e você muda*

*eu sinto*

*não como perda*

*mas como ajuste*

*como quem precisa recalibrar  
a própria continuidade*

*há um ponto  
em que já não sei*

*se ainda é você*

*ou o que em você  
se tornou necessário*

*mas isso não interrompe*

*ao contrário*

*refina*

*torna mais exato*

*mais limpo*

*mais inevitável*

*eu sigo*

*não ao seu lado*

*não atrás*

*mas através  
como se existir  
fosse isso*

*encontrar no outro*

*um modo de não parar*

## *Quando Nem Isso*

*não cessa  
mas também  
não continua*

*o que havia  
não se rompe*

*apenas perde  
a necessidade*

*eu ainda digo*

*não para manter*

*não para chamar*

*as palavras  
já não encontram  
função suficiente*

*e mesmo assim*

*não param*

*há um gesto*

*mínimo*

*que insiste*

*não por hábito*

*não por desejo*

*nem mesmo  
por ausência*

*apenas*

*porque não há  
o que o interrompa*

*eu poderia nomear*

*mas isso criaria*

*um dentro*

*e já não há*

*eu poderia calar*

*mas isso suporia  
um fim*

*e não há*

*então permanece*

*não como antes*

*não como resto*

*mas como algo  
que não se distingue*

*de não esta*

*MOVIMENTO IV: A MATÉRIA DISCRETA  
DA DURAÇÃO*

## *A Regra*

*há uma regra*

*que se anuncia inteira*

*todos  
dentro:*

*mas um  
não responde*

*e é por isso  
que a regra  
permanece*

## *A Exceção*

*não é o todo  
que sustenta*

*é o ponto  
que falha:*

*um só*

*basta*

*para que o resto  
se organize*

## *O Contorno*

*o conjunto  
se fecha*

*com a ajuda  
de um furo*

*/*

*sem ele*

*tudo  
transborda*

*Sem Exceção*

*ninguém  
fora*

*e ainda assim*

*não se pode dizer:  
todos*

*algo  
recusa  
o contorno*

*O Não-Todo*

*quase tudo  
se escreve*

*quase*

*o que fica*

*não falta*

*mas também  
não entra*

*O Resto*

*não é sobra*

*não é erro*

*é o que insiste*

*quando a conta  
fecha*

*cedo demais*

*A Suspensão*

*não se fecha*

*não se abre*

*permanece*

*sem precisar*

*ser*

*A Turbação*

*não é desordem*

*é excesso:*

*algo insiste*

*sem caber*

*no que ainda não há*

## *A Porta*

*A porta ficou encostada. Não estava aberta o suficiente para convidar, nem fechada o bastante para impedir. Apenas mantinha um vão estreito, por onde a luz passava sem ocupar o espaço.*

*Ninguém entrou.*

*Passei algumas vezes por ela. Em nenhuma delas houve decisão. Abrir exigiria gesto. Fechar também. O que permanecia era essa condição intermediária, onde tudo é possível, mas nada acontece.*

*Há situações que não se resolvem por falta de escolha, mas por excesso de neutralidade. Nada impede. Nada conduz.*

*O espaço atrás da porta continua ali. Inteiro. Mas não acessado.*

*Talvez nem toda passagem exista para ser atravessada.*

*A porta não se moveu.*

## *O Intervalo*

*Entre uma coisa e outra, havia um tempo que não era contado.*

*Não era pausa nem espera. Apenas um espaço que não recebia nome. Ainda assim, era nele que tudo parecia se reorganizar.*

*Ele começou a notar esses momentos. Pequenos desvios no fluxo — instantes em que nada avançava, mas também não estava parado.*

*No início, pareciam irrelevantes. Logo depois, passaram a sustentar o que vinha antes e depois deles.*

*Sem esse intervalo, o movimento se tornava contínuo demais. Difícil de acompanhar, impossível de perceber.*

*Talvez não seja o que acontece que define o percurso.*

*Mas o que se mantém entre um acontecimento e outro.*

*O intervalo não interrompe.*

*Ele sustenta.*

## *POEIRA*

*ninguém entrou.*

*sobre o piano*

*a poeira*

*aprendeu devagar*

*o desenho da luz.*

## *O RAMO*

*o vento cessou.*

*a folha*

*permaneceu tremendo*

*como quem ainda*

*escuta.*

## *Além do mundo*

*O mundo não responde.  
É é nisso que ele é fiel.*

*A manhã acontece  
sem me perguntar nada,  
o sol insiste  
com a mesma indiferença exata.*

*Procurei um sentido  
como quem procura sombra  
num campo aberto:  
não por esperança,  
mas por necessidade.*

*Nada veio.*

*E, no entanto,  
eu estava ali.*

*Respirando.  
Sentindo o peso do dia*

*sobre os ombros  
e a estranha clareza  
de quem não foi enganado.*

*O absurdo não grita.  
Ele ilumina.*

*Mostra a distância  
entre o que desejo  
e o que existe,  
sem prometer ponte.*

*Ainda assim,  
caminho.*

*Não porque a vida explique,  
mas porque acontece.  
E acontecer  
já é uma forma mínima de revolta.*

*Não espero salvação.  
Escolho a lucidez.*

*Sob este sol sem piedade,*

*aprendo a dizer sim  
ao instante nu,  
à pedra no caminho,  
ao esforço sem testemunhas.*

*Além do mundo  
não há resposta.*

*Há presença.*

*E isso basta  
para continuar.*

*O que me falta é o que me move*

*Hoje, acordei com fome do que não sei.  
Nem perfume, nem nome: só ausência.  
A cama estava cheia de tudo que tenho —  
e ainda assim, o vazio me mordeu o peito.*

*Olhei pela janela e desejei o que faltava do mundo:  
a brisa que passou pelo cabelo de outra mulher,  
o olhar distraído de um homem na esquina,  
a luz posta sobre uma mesa que nunca me esperou.*

*Não quero o que é meu.  
Quero o que está no quase.  
Sou essa linha trêmula entre o querer  
e o nunca estar satisfeita.*

## *Sentinela*

*Aprendi cedo  
que a dor não circula.*

*Ela escolhe um corpo  
e permanece,  
mesmo quando tudo ao redor  
segue aceso.*

*Os outros passam.  
Falam.  
Amam —  
mas cada gesto deles  
fica do lado de fora  
do que me dói.*

*A cidade funciona.  
As luzes insistem.  
Há risos, passos, promessas  
logo abaixo.*

*Ainda assim,*

*ninguém pode subir  
até este ponto exato  
onde o peso se instala.*

*Cada um guarda  
sua vigília.  
Seu turno noturno.  
Seu silêncio intacto.*

*E é isso que chamamos vida:  
estar próximo o suficiente para ver,  
distante demais para dividir.*

## *Corte*

*Houve um tempo  
em que o poder só sabia avançar.*

*Era músculo,  
era ruído,  
era ferro dizendo sim a si mesmo.*

*A mulher, então,  
era pensada como guerra:  
espelho do braço,  
eco da força.*

*Até que algo inesperado aconteceu:  
o mundo parou para escutar.*

*Não foi a Igreja.  
Não foi o Estado.  
Foi um gesto mais frágil —  
e por isso mais durável.*

*Algumas mulheres ousaram  
não competir com a espada,  
mas exigir forma.*

*Não pediram vitória.  
Pediram atenção.*

*E o desejo, pela primeira vez,  
aprendeu a esperar.*

*Chamaram isso de corte.  
Não a do combate,  
mas a do olhar que se regula,  
da palavra que mede,  
do amor que não toma —  
aproxima.*

*Ali nasceu outra ordem:  
nem divina,  
nem militar,  
nem jurídica.*

*Algo entre.*

*O feminino deixou de ser exceção  
e passou a ser centro.*

*E quando o céu precisou de um nome  
para essa nova delicadeza terrestre,  
chamaram-na Virgem.*

*Não por pureza,  
mas por distância:  
o intocável  
como forma de governo do mundo.*

*Desde então,  
toda sociedade verdadeira  
é aquela que sabe  
curvar a força  
antes de usá-la.*

## *Altitude*

*Não foi o excesso que me feriu.  
Foi a delicadeza.*

*Havia algo intacto demais  
no modo como tudo permanecia  
— quase correto,  
quase suficiente.*

*Eu não queria ruptura.  
Queria um pequeno desvio,  
um erro mínimo  
que provasse que ainda estamos vivos.*

*Mas a vida, educada,  
dobrou-se sobre si mesma  
e coube inteira na palma da mão.*

*Não houve grito.  
Não houve queda.  
Nem mesmo a palavra imprópria  
que rasga a seda.*

*Houve apenas essa lucidez:  
há sentimentos que sobrevivem  
por falta de coragem de morrer.*

*E isso é mais cruel  
do que qualquer explosão.*

*Não me faltou amor.  
Faltou vertigem.*

*Descobri —  
com uma serenidade quase ofensiva —  
que o lirismo pode ser  
uma forma elegante  
de não tocar no fundo.*

*Hoje não quero fundo.  
Quero altura.  
Mesmo que doa respirar.*

## *Contrabandista de Almas*

*às vezes trafico silêncios  
para não ser pega em flagrante de sentir*

*ando com o coração no contrabando  
entre um gole e outro de lucidez*

*vivo daquilo que não confesso —  
amores em quarentena  
poesias que se fingem de riso  
para não morrerem de si mesmas*

*carrego o passado dobrado na bolsa  
feito lenço antigo  
com cheiro de lágrimas esquecidas*

*há quem chame isso de solidão  
eu chamo de matéria-prima*

*porque o que me move  
não é a ausência,  
é o eco que ela deixa*

*sou contrabandista de almas,  
e a minha é a primeira da fila*

## *The Swan*

*Há uma pausa.*

*Antes do som, o silêncio respira.*

*Ele sabe:*

*há cordas que não se afinam com o mundo,  
apenas com a alma.*

*O arco desliza —*

*devagar, como quem pede perdão.*

*Entre notas e ausência,*

*ele encontra um corpo que não é seu,  
um espelho sem rosto,  
um cisne que ainda tenta existir  
no meio da água turva.*

*Há amor, sim —*

*mas desses que não salvam.*

*Apenas lembram*

*que um dia houve promessa,  
e um lago.*

*E que a beleza,*

*quando termina,*

*não morre:  
fica suspensa,  
num último acorde,  
como respiração contida.*

## *Depois da Função*

*a lâmpada acesa  
já não ajuda*

*ninguém procura  
nenhuma coisa*

*mesmo assim  
a luz permanece*

*como se iluminar  
não fosse apenas  
tornar o mundo visível*

*mas permitir  
que as coisas  
aceitem aparecer*

## *Luz Sem Finalidade*

*há uma luz  
que continua  
mesmo depois  
da utilidade*

*o espaço já não pede  
função  
nem direção*

*algo apenas  
permanece*

*como se o mundo  
tivesse sido lentamente  
esvaziado  
de seus usos*

*e ainda assim  
não desaparecesse*

*o relógio*

*continua medindo*

*mas agora*

*é a luz*

*quem encarna*

*o tempo*

*nada acontece*

*e justamente por isso*

*a duração*

*começa a aparecer*

*uma cadeira*

*um corredor*

*um vidro atravessado*

*pela tarde*

*o homem passa*

*mas não ocupa*

*o centro*

*ele atravessa*

*como atravessa*

*um campo  
já anterior  
à própria presença*

*há uma humildade  
na claridade*

*ela não revela  
ela acolhe*

*não ilumina  
o real*

*apenas toca  
levemente  
o fato  
de que algo existe*

## *Epílogo*

### *Atraso Interior*

*talvez consciência  
não seja presença*

*mas atraso*

*há sempre  
uma parte de nós  
chegando depois*

*o corpo entra  
a atenção demora*

*e certas distâncias  
não atravessam espaço*

*atravessam duração*

*como se a imagem*

*de nós mesmos  
aparecesse primeiro*

*e só depois  
o sujeito*

*tudo perdeu nitidez*

*não por ausência  
mas por excesso  
de permanência*

*o mundo continua  
mais lentamente  
do que nós*

*uma parede antiga  
um reflexo  
sobre o chão  
uma janela  
ainda aberta  
para uma luz  
que já mudou*

*o verdadeiro acontecimento  
não está no gesto*

*mas no intervalo  
que o separa  
de sua compreensão*

*não somos  
presença plena*

*somos aproximação  
contínua*

*algo em nós  
sempre tentando alcançar  
o instante  
em que já está*

## *Depois da Aceleração*

*o mundo começou  
a reaparecer*

*não como espetáculo*

*mas como demora*

*o vazio ganhou  
espessura*

*e o silêncio  
deixou de ser ausência*

*para se tornar  
matéria discreta  
da duração*

*há objetos  
que permanecem*

*mesmo depois  
do desaparecimento  
de seus usos*

*uma escada  
uma lâmpada acesa  
durante o dia  
um corredor  
sem passagem*

*tudo parece existir  
antes da finalidade*

*como um astro  
ou um olho  
ainda aberto  
dentro da matéria*

*a luz já não serve*

*e justamente por isso  
se torna mais humana*

*ela insiste*

*pequena  
sem domínio  
sem promessa*

*como se o espaço  
aprendesse lentamente  
a existir  
sem necessidade  
de ser explicado*

*e então  
quase sem perceber*

*o sujeito retorna  
a si mesmo*

*não inteiro*

*apenas atravessado  
pela lenta descoberta  
de que viver  
talvez seja isso*

*permanecer um pouco  
depois da própria passagem*

## *Morreu Genial sem Querer*

*Nasceu para a beleza e o abismo,  
como quem sorri no escuro sem saber se há chão —  
vivia como se o tempo fosse de vidro.*

*Deitou-se no verso como quem se exila,  
bebeu a sombra dos próprios pensamentos,  
e dormiu com os pés dentro do sonho  
como se o amor fosse brisa ou armadilha.*

*Escreveu o silêncio com os olhos rasgados,  
cozeu a palavra com a linha do pranto,  
sentiu no poema a dor de não caber no mundo  
e a esperança de sangrar com elegância.*

*Foi só mais um —  
que amou demais,  
mentiu por medo,  
e morreu genial sem querer.*

*viver talvez seja isso  
permanecer um pouco  
depois da própria  
passagem*

ISBN 978-1-234-56789-0



9 781234 567890